

#cm  
**2**  
QUARTA-FEIRA



*Vem amor que a hora é essa*

'Eu Tive Um Sonho', **turnê que marca o retorno do Kid Abelha** com **Paula Toller, George Israel e Bruno Fortunato**, começa em 12 de junho com **show na Farmasi Arena (RJ)** e passa por estádios e arenas de **10 cidades brasileiras** até outubro. Pág. 2

# A palavra de ordem é ‘continuidade’

AFFONSO NUNES

Quarenta anos depois de sua formação, o Kid Abelha volta aos palcos. A turnê “Eu Tive Um Sonho” reúne Paula Toller nos vocais, George Israel no sax, vocais, violão e bandolim, e Bruno Fortunato na guitarra — a formação mais duradoura da banda. O projeto começa em 12 de junho no Rio de Janeiro, onde tudo começou, e segue para outras nove cidades brasileiras até outubro.

A ideia da retomada começou a tomar forma no final de 2025, quando os três músicos manifestaram o desejo de estar juntos novamente. Mas eles são enfáticos ao evitar a palavra “retorno”. Preferem falar em “continuidade”. “Ninguém está falando em retorno. É uma continuidade do que um dia ficou no ar. O Kid Abelha não tem muito tempo para nostalgia não. A ideia é, como sempre foi, aproveitar o presente”, diz o comunicado oficial que anuncia a turnê.

Desde que deixaram de tocar juntos, Paula, Israel e Fortunato seguiram caminhos diversos — cada um desenvolvendo projetos solo e participações em outras formações — mas a vontade de estar junto de novo trouxe aquela energia que caracterizou o Kid Abelha desde o início.

Formado em 1984, o Kid Abelha se consolidou como uma das principais bandas da música pop-rock brasileira dos anos 1980 e 1990. O grupo ganhou destaque com músicas que marcaram gerações, como “Fixação” e “Lágrimas e Chuva”, e se tornou referência de uma época em que a música brasileira dialogava intensamente com influências do rock internacional. A banda teve seu auge durante a década de 1980, período em que lançou seus principais álbuns e conquistou uma base fiel de fãs.

Porém, a trajetória da banda também foi marcada por conflitos. Em 1991, ocorreu o racha que afastou Leoni da banda. Leoni, baixista e principal compositor do grupo, havia sido parte fundamental da formação original e da consolidação do som do Kid. Sua saída do grupo se deu em meio a desentendimentos artísticos e pessoais. Mesmo após o incidente, o Kid Abelha continuou ativo, mas com uma dinâmica diferente. A banda manteve sua relevância, mas o período pós-Leoni marcou



Paula Toller, Bruno Fortunato e George Israel, a formação mais duradoura do Kid Abelha

## TURNÊ ‘EU TIVE UM SONHO’

**12/6:** Rio de Janeiro (Farmasi Arena)  
**27/6:** São Paulo (Allianz Parque)  
**4/7:** Belo Horizonte (Arena MRV)  
**11/7:** Salvador (Casa de Apostas Arena Fonte Nova)  
**25/7:** Brasília (Arena BRB Mané Garrincha)  
**8/8:** Recife (Classic Hall)  
**22/8:** Fortaleza (CFO)  
**26/9:** Porto Alegre (Beira Rio)  
**10/10:** Curitiba (Pedreira Paulo Leminski)  
**17/10:** Florianópolis (Arena Opus)

Ingressos: [www.ticketmaster.com.br](http://www.ticketmaster.com.br)

o início de uma trajetória menos intensa em termos de presença nas paradas e mídia.

Após o racha, o grupo lançou ainda alguns trabalhos, mas a banda gradualmente reduziu suas

atividades de turnê e gravação. Os integrantes seguiram para projetos paralelos e carreiras solo. Paula Toller desenvolveu uma carreira como compositora, intérprete e produtora, participando de proje-

tos diversos e mantendo presença no cenário musical. George Israel e Bruno Fortunato também exploraram outras formações e colaborações. O hiato entre as últimas apresentações conjuntas e este anúncio de 2026 representa um período de mais de duas décadas sem a banda estar unida nos palcos.

A turnê “Eu Tive Um Sonho” marca, portanto, um momento significativo: a reunião de três dos principais nomes da história do Kid Abelha para celebrar quatro décadas de existência. A produção conta com um time robusto. Liminha assina a direção musical, Gringo Cardia a direção de arte, Samuel Betts a iluminação, e Paula Toller participa como codireção artística. A banda de apoio inclui Gustavo Camardella na guitar-

ra, violão e vocais, Adal Fonseca na bateria, Pedro Dias no baixo e vocais, Gê Fonseca nos teclados e vocais, além de músicos de apoio.

O desafio de montar um setlist que resuma quatro décadas de carreira foi, segundo o material divulgado, um dos maiores enfrentados pela banda. Escolher as músicas que vão mexer com fãs de várias gerações exigiu decisões difíceis. Paula, George e Bruno encararam essa tarefa com o mesmo espírito que sempre caracterizou o grupo: com alegria e determinação. O resultado é descrito como “uma espécie de presente para os fãs do Kid” — uma celebração que busca reunir tanto quem acompanhou a banda desde 1984 quanto gerações posteriores que descobriram o Kid Abelha através de suas músicas mais conhecidas.

Divulgação

# Selton Mello na Quinzena de Cannes

Mais famosa das mostras paralelas à competição pela Palma de Ouro acolhe longa que o ator mineiro filmou com a chilena Dominga Sotomayor, sob a produção de Rodrigo Teixeira

RT Features



Selton Mello integra o elenco de 'La Perra', da chilena Dominga Sotomayor

## RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Neste ano em que o Brasil mede a conta-gotas a sua presença em Cannes, assegurada por meio de produções com outros países, um dos maiores astros do país, o mineiro Selton Mello, passou pelo crivo da Quinzena de Cineastas e terá seu talento levado às telonas do festival de maior prestígio do mundo no elenco de "La Perra", com CEP no Chile. O novo filme da chilena Dominga Sotomayor é produzido pelo brasileiro Rodrigo Teixeira e sua RT Features (de "O Farol") numa parceria com a produtora hermana Planta.

A trama, escrita por Inés Bortagaray, nasceu do romance homônimo de Pilar Quintana. Selton, que trabalhou com a RT antes, em "Ainda Estou Aqui" e "Enterre Seus Mortos" (ambos de 2024), integra um elenco formado por Manuela Oyarzún, David Gaete, Paula Luchsinger, Rafaella Grimberg e Paula Dinamarca. O anúncio foi feito na manhã de terça, em Paris, posicionando "Butterfly Fly", do russo Kantemir Balagov, como sua produção de abre-alas, trazendo Barry

## OS LONGAS DA QUINZENA DE CINEASTAS

- \* "Butterfly Jam", de Kantemir Balagov (filme de abertura)
- \* "Once Upon a Time in Harlem", de William Greaves & David Greaves
- \* "La Perra", de Dominga Sotomayor
- \* "Femme De Chambre" ("The Diary of a Chambermaid"), de Radu Jude
- \* "Dora", de July Jung
- \* "Gabin", de Maxence Voiseux
- \* "Clarissa", de Arie Esiri e Chuko Esiri
- \* "L'espèce Explosive" ("Too Many Beasts"), de Sarah Arnold
- \* "Low Expectations", de Eivind Landsvik
- \* "Libertad Doble", de Lisandro Alonso
- \* "We Are Aliens", de Kohei Kadowaki
- \* "Merci D'être Venu" ("Thanks for Coming"), de Alain Cavalier
- \* "I See Buildings Fall Like Lighting", de Clio Barnard
- \* "Atonement", de Reed Van Dyk
- \* "Shana", de Lila Pinell
- \* "La Muerte No Tiene Dueño", de Jorge Thielen Armand
- \* "Carmen, L'oiseau Rebelle", de Sébastien Laudenbach
- \* "9 Temples to Heaven", Sompot Chidgasornpongse
- \* "Le Vertige", de Quentin Dupieux (filme de encerramento)

Keoghan, Riley Keough, Harry Melling e Monica Bellucci em cena.

Conhecida por "Tarde Para Morrer Jovem" (outra produção da RT, que fez fama ao ser laureada em Locarno), Dominga confia o protagonismo de "La Perra" à solitária Silvia (Oyarzún). Ela vive em uma ilha remota no sul do Chile, onde resgata uma cachorra filhote, a quem batiza de Yuri. É o mesmo que escolheria para a filha que nunca teve. Esta união forma um vínculo improvável que força a protagonista a enfrentar ressentimentos profundos, relacionamentos

rompidos e um trauma que se recusa a permanecer no passado. O personagem de Selton cruza sua rota.

Cineastas de prestígio como o argentino Lisandro Alonso, a suíça Sarah Arnold, o romeno Radu Jude (parceiro sazonal de Teixeira e sua RT) e o satirista francês Quentin Dupieux integram o menu da Quinzena. Um par de documentários de medalhões da não ficção se impõe na mostra, na qual se disputa um prêmio de júri popular: "Merci D'être Venu", de Alain Cavalier, e

"Once Upon A Time In Harlem", produção que William Greaves (1926-2014) deixou de herança e seu filho David finalizou.

Programada de 14 a 22 de maio, a Quinzena vai sediar uma homenagem à realizadora Claire Denis, premiada em Cannes, em 2022, com "Stars At Noon". A diretora francesa de 79 anos – que vai participar do festival BAFICI, na Argentina, esta semana, com "A Cerca" - receberá o troféu Carroça de Ouro, na Croisette, pelo conjunto de sua obra.

Na segunda-feira, outra mostra

paralela de Cannes, a Semana da Crítica, anunciou sua lista de concorrentes e incluiu um longa mexicano feito com o Brasil (por meio da produtora Desvia) e a Dinamarca: "Seis Meses no Prédio Rosa e Azul", de Bruno Santamaría Razo. Inspirado nas memórias do diretor e rodado em 16mm, o filme nos leva para a Cidade do México no início da década de 1990. No dia em que completou 11 anos, Bruno percebeu ter sentimentos por seu melhor amigo, Vladimir. Os dois entram em conflito com o anúncio repentino de que seu pai foi diagnosticado com HIV. Como nas canções de salsa, a família canta e dança para se afastar da dor. Trinta anos depois, o diretor Bruno filma e reimagina a memória do que não conseguiu compreender totalmente quando era criança. A participação brasileira no nessa narrativa inclui o trabalho das produtoras Rachel Daisy Ellis e Camille Reis; uma participação do ator cearense Demick Lopes; e a intervenção artística dos montadores Marília Moraes e Eduardo Serrano, da desenhadora de som Miriam Bideram, do compositor Leo Chermont, do estúdio de efeitos especiais Aberração Kromatica Filmes, da produtora executiva Amanda Luna, e das pós-produtoras Bia Baggio e Ivich.

**BAFICI**  
BUENOS AIRES FESTIVAL INTERNACIONAL DE  
CINE INDEPENDIENTE

**RODRIGO FONSECA**

Especial para o Correio da Manhã

**J**avier Milei pode tentar o quanto quiser, mas ninguém tira da Argentina a paixão por fazer e ver cinema... dos melhores... como comprovam as 147 produções gestadas na capital daquela nação e seus arredores, incluídas na 27ª edição do Buenos Aires Festival Internacional de Cine Independiente. O evento é mais conhecido (e querido), como BAFICI. Há 327 títulos em sua grade, repleta de estreias, que vai mobilizar a América Latina a partir desta quinta-feira, com projeções até o próximo dia 26. O Brasil saiu de lá premiado, em 2025, com a láurea de Melhor Curta, por “Minha Mãe É Uma Vaca”, de Moara Passoni. Este ano, voltamos ao páreo da competição estrangeira principal, concorrendo com outro curta, “Banho Maria”, de Gabriel Faccini, e o longa “Nosso Segredo”, que a mineira Grace Passô projetou antes, na Berlinale.

Uma das atrizes de maior prestígio do teatro e do cinema brasileiro no século XXI, famosa pela trajetória nacional da peça “Vaga Carne”, Grace, também dramaturga, consolidou-se, em sua devastadora passagem por Berlim, num novo front, o da realização, ao se encher de elogios, no posto de cineasta, por seu trabalho em “Nosso Segredo”. Não houve boca em solo alemão que não elogiasse o drama de trilha sonora estonteante (composta por Amaro Freitas) esculpido entre luto, lágrimas e lama (ligada a um surpreendente signo animal) a partir de reescrita de “Amores Surdos”, texto teatral de autoria da própria Grace. A fotografia dionisiaca de Wilssa Esser assegura um aspecto crepuscular ao enredo que mistura finitude, recomeço e perenidade.

Nele, uma família que tem vivências variadas do racismo e de outros mecanismos de exclusão luta para reconstruir sua rotina após a perda recente da figura paterna. Enquanto cada um dribla a dor à sua maneira, o filho caçula guarda um mistério que transcende as bordas do realismo.

“O ‘para sempre’ para mim são memórias, são afetos comungados, são nossos ancestrais... os mestres que prepararam o meu mundo para o que virá. A ideia de ‘para sempre’ tem a ver com afeto. A morte é a vida... é ‘O’ assunto da vida”, diz a atriz, laureada com o troféu Redentor do Festival do Rio duas vezes, por suas interpretações em “Praça Paris” (2017) e em “O Dia Que Te Conheci” (2023). “As vidas negras no nosso país são a prova de que o

# Mi Buenos Aires querido

Com 327 filmes em sua programação, o BAFICI, um dos maiores festivais da América Latina abre sua 27ª edição nesta quinta-feira, celebrando a capacidade de resiliência do cinema argentino



O Teatro Alvear é uma das sedes de projeção do BAFICI, que se espalha por Buenos Aires

## COMPETIÇÃO INTERNACIONAL EM 2026

- \*“Forêt ivre” — Dir. Manon Coubia — Bélgica / França
- \*“Nosso segredo” (“Our Secret” / “Nuestro secreto”) — Dir. Grace Passô — Brasil / Portugal
- \*“Hair, Paper, Water...” — Dir. Nicolas Graux, Minh Quy Truong — Bélgica / França / Vietnam
- \*“Banho Maria” — Dir. Gabriel Faccini — Brasil
- \*“El tren fluvial” — Dir. Lorenzo Ferro, Lucas A. Vignale — Argentina
- \*“Las visitas de Camilo” — Dir. Itatí Olmedo — Argentina
- \*“Los vencedores” — Dir. Pablo Aparo — Argentina / Reino Unido
- \*“Monstruo madre” — Dir. María Canale — Argentina

- \*“Queda en mí” (“Within Me”) — Dir. Rafael Nir — Argentina
- \*“Le Tour de Canada” (“La Vuelta a Canadá”) — Dir. John Hollands — Canadá
- \*“Hangar rojo” — Dir. Juan Pablo Sallato — Chile / Argentina / Itália
- \*“Linka Linka” — Dir. Kangdrun — China
- \*“La lucha” — Dir. José Alayón — Espanha / Colômbia
- \*“Ningú borda” (“Nobody Barks” / “Nadie ladra”) — Dir. Júlia Coldwell Serra — Espanha
- \*“No Skate!” — Dir. Guil Sela — França
- \*“Un balcon à Limoges” — Dir. Jérôme Reybaud — França
- \*“Tuesday Women” — Dir. Imaad Shah — Índia
- \*“Reza Scottish” — Dir. Alireza Masoumi, Alireza Eliasi — Irã

- \*“Sciatunostro” — Dir. Leandro Picarella — Itália
- \*“La peluca” — Dir. Emiliano Rocha Minter — México
- \*“The Son and the Sea” — Dir. Stroma Cairns — Reino Unido
- \*“Sorella di clausura” — Dir. Ivana Mladenovic — Romênia
- \*“Folds” (“Skladki” / “Pliagues”) — Dir. Katya Skakun — Rússia / Estados Unidos
- \*“À bras-le-corps” (“Silent Rebellion” / “El toro por las astas”) — Dir. Marie-Elsa Sgualdo — Suíça / Bélgica / França
- \*“Easter Day” — Dir. Mykola Zasiiev — Ucrânia / França
- \*“Bicho” — Dir. Nicolás Sequeira, Diego Acosta — Uruguai

afeto e a admiração entre os integrantes de uma família é o que faz as pessoas resistirem e seguirem em frente.”

Com apenas 14 minutos, “Banho Maria” também pode nos

trazer prêmios, contando com as atuações de Silvana Rodrigues e Lukas Rodrigues. A trama filmada por Gabriel Faccini fala sobre uma manhã de calor escaldante, em que uma mulher decide faltar ao traba-

lho.

Quem abre o BAFICI é a prata da casa: a comédia argentina. No caso, a tarefa fica com “Orgullo y Prejuicio”, de Matías Szulanski. O longa parte dos sets de uma adap-

tação do clássico literário de Jane Austen (1775-1817), ambientada na Mar del Plata dos dias de hoje, onde nasce uma ironia feroz. Sua narrativa alfineta o uso da IA e desvela diversas falsidades do dia a dia.



**CORREIO CULTURAL**

Renato Mangolin/Divulgação

A montagem de 'Orúko?' foi premiada no Fest & Arte

## 'Orúko', a peça, agora em forma de romance

Potente reflexão cênica sobre ancestralidade, apagamento histórico e o direito de existir com voz, nome e memória, o espetáculo "Orúko" acaba de ganhar versão em livro.

A publicação da dramaturgia será lançada em bibliotecas públicas do Rio e da Baixada, ampliando o alcance de uma obra que emocionou nos palcos. A primeira parada será nesta quarta (15), às 15h, na Biblioteca Parque Estadual.

A obra parte da pergunta "Qual a importância do nome das coisas?" para abordar o silenciamento vivido por pessoas negras no Brasil e convida o público a uma experiência sensível de reconhecimento e reconexão com suas origens.

O espetáculo venceu os prêmios como Melhor Atriz e Melhor Cena no FestT & Arte, e possui seis indicações no 13º Festu.

## Um novo ambiente

Depois de ser eleita a 15ª melhor pizza do mundo, a Oficina Local inaugura um novo espaço dentro de sua unidade em Botafogo. Batizado de Deppósito, o ambiente ocupa o segundo andar da casa e nasce como uma proposta mais intimista e acolhedora, voltada para valorizar a harmonização entre pizzas e cervejas artesanais. O projeto é resultado de uma parceria com a cervejaria carioca Ferdinander, de Carlos Witte, e contará com uma curadoria especial de rótulos para harmonização.

### Música no Museu Música no Museu II

A programação do Música no Museu segue recheada de apresentações gratuitas ao longo deste mês de abril. Temas clássicos da Broadway abrem a semana com o pianista Bruno Fonseca e o tenor Flávio Bezerra nesta quarta (15), às 12h30, no CCBB-RJ.

Na sequência do projeto, o tenor André Figueiredo e a pianista Dilia Costa destacam obras de grandes nomes da canção brasileira no concerto Pilares da Canção em apresentação gratuita nesta quinta-feira (16), às 12h30, no Museu da Justiça, na Rua Dom Manuel, 29.

### É tempo de Clarice no parque de Ideias

A obra de Clarice Lispector é celebrada no Parque de Ideias, projeto idealizado pelo documentarista Marcio Debellian ("Fevereiro"). Nesta quarta (15), às 18h, a atriz Beth Goulart leva para a Biblioteca Parque Estadual o espetáculo "Simplesmente eu, Clarice Lispector", em sessão gratuita. Em cartaz há mais de 17 anos, o monólogo foi escrito e dirigido pela própria atriz.



Fabian/Divulgação



Dan Coelho/Divulgação

Guilherme Logullo reviveu traumas da relação paterna para compor a dramaturgia do solo

# Violência e reconstrução

Guilherme Logullo retorna ao Rio com 'Pai', solo sobre traumas paternos, após turnê internacional

**G**uilherme Logullo volta aos palcos cariocas com "Pai", solo teatral que explora traumas herdados de relações com figuras paternas abusivas. Após quatro temporadas e uma turnê internacional que passou por Armênia, Turquia e França, o espetáculo chega para uma curta temporada no Rio de Janeiro no Teatro Gláucio Gill, em Copacabana.

Dirigido pelo armênio Arthur Makaryan, talento da Broadway, a peça propõe uma experiência cênica íntima e impactante. Em cena, Logullo dá vida a um homem isolado em um espaço cru, onde passado e presente se fundem em uma jornada marcada por violência, silêncios, gestos de controle e raras demonstrações de afeto. A narrativa convida o espectador a refletir sobre o impacto das ausências e violências paternas, oferecendo simultaneamente um caminho de reconstrução e possibilidade de cura.

O solo costura memórias íntimas com elementos do teatro do absurdo, da dança Butoh e da autoficção, criando uma linguagem cênica que mistura o pessoal com o universal. Logullo explica sua motivação: "Quis trazer à tona o espetáculo para dar novos significados às vivências paternas

**“**Quis trazer à tona o espetáculo para dar novos significados às vivências paternas violentas e difíceis que enfrentei (...) transformando isso em arte, em teatro, eu ganho força”

**GUILHERME LOGULLO**

violentas e difíceis que enfrentei em minha vida. De alguma forma, transformando isso em arte, em teatro, eu ganho força, libertação e clareza de tudo que vivi. Muito além de expor e compartilhar tais experiências, o objetivo é provocar mudanças e gerar aprendizado”.

A obra já acumulou reconhecimento crítico. Logullo recebeu indicação na categoria Melhor Solo no Prêmio Arcanjo de Cultura, indicação de Melhor Ator no Prêmio Cenyn e o selo "O Teatro me Representa" na categoria Melhor Monólogo. O reconhecimento reflete a potência estética e emocional da montagem, que transforma vivências reais em linguagem teatral provocadora.

Além de protagonista, Logullo atua como diretor e produtor da peça. A equipe técnica inclui cenografia de Marieta Spada, figurinos de Karen Brusttolin, desenho de luz de Paulo Denizot

e música original de João Paulo Mendonça. A realização é da Luar de Abril.

Atualmente, Logullo está à frente de outras produções em cartaz, como "O Adorável Trapalhão" e "O Céu de Bibi Ferreira", consolidando sua atuação tanto como intérprete quanto produtor no cenário teatral carioca. Com "Pai", o artista reafirma seu interesse em narrativas que transformam experiências pessoais em reflexão coletiva, oferecendo ao público um espaço de reconhecimento e possibilidade de ressignificação de traumas.

### SERVIÇO

**PAI**  
Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº, Copacabana)  
Até 29/4, às quartas-feiras (20h) | Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)



Rosamaria Murtinho contracena com a neta Sofia Mendonça em 'Uma Vida em Cores'

# Maturidade e reinvenção

**D**o alto de seus 93, Rosamaria Murtinho dá um chute no etarismo e sobe ao palco para viver a designer americana Iris Apfel em "Uma Vida em Cores". A peça, com texto e direção de Cacau Hygino, chega ao Teatro das Artes para uma temporada que vai de 18 de abril a 21 de junho. O projeto, que começou há mais de nove anos como monólogo protagonizado por Nathalia Timberg, ganha agora uma nova versão que coloca em cena a veterana atriz, Sofia Mendonça (neta de Rosamaria) e Simone Soares.

A peça se inspira na trajetória de Iris Apfel, falecida em 1º de março de 2024 aos 101 anos. Conhecida por seus óculos redondos icônicos, colares exuberantes e postura contemporânea, Apfel se tornou referência de estilo em uma indústria que frequentemente descarta a

maturidade. A montagem coloca em foco justamente isso: a potência da idade, a reinvenção constante e a recusa em aceitar limites impostos pelo tempo.

O encontro entre Hygino e Iris começou de forma improvável. Em 2017, o dramaturgo descobriu a designer pelas redes sociais. Intrigado com a imagem daquela mulher de óculos redondos e colares exuberantes, decidiu investigar quem ela era. Ao perceber um tapete com a inscrição "PA 480" na entrada de um prédio fotografado, deduziu que se tratava do endereço da empresária em Nova York — suspeita confirmada por um amigo que morava lá. Após meses de cartas, telefonemas e envio de material sobre o projeto, Iris retornou a ligação. O encontro em Nova York resultou em uma amizade que inspirou o monólogo "Através da Iris", que circulou nacionalmente com teatros lotados até a inter-

Aos 93 anos, Rosamaria Murtinho brilha no papel de Iris Apfel em 'Uma Vida em Cores'

rupção causada pela pandemia.

Com a impossibilidade de continuar a montagem original, o texto permaneceu guardado até que Hygino decidisse retomá-lo sob esta nova perspectiva. A escolha de Rosamaria Murtinho para o papel tem um caráter afetivo e artístico. Hygino e Rosamaria são amigos desde que ele

tinha 18 anos — em 1998, dividiram o palco no musical "O Abre Alas", de Maria Adelaide Amaral, quando ele interpretou o irmão da atriz. Ao ser convidada para viver Iris, Rosamaria colocou uma condição: contracena com sua neta. A proposta gerou esta nova dramaturgia, incorporando Simone Soares como Juliet, a fiel escudeira de Iris.

A versão atual abandona o formato de monólogo e transforma a narrativa em um diálogo. Emily (Sofia Mendonça), jovem jornalista e estagiária da revista Vogue americana, recebe a missão de entrevistar Iris — uma matéria que pode definir seu futuro profissional. O encontro formal se transforma em jogo de provocações, humor e cumplicidade. Entre memórias e reflexões, emergem temas como etarismo, moda como identidade, amor, luto, escolhas e legado.

A dramaturgia mistura ficção

e memória afetiva, incorporando episódios reais da vida de Iris, inclusive sua relação de 68 anos com o marido Carl Apfel.

Cacau Hygino consolidou carreira plural entre dramaturgia, pesquisa biográfica e interpretação. É autor de livros incluindo biografias de Zezé Motta, Nathalia Timberg, Irene Ravache e Nickette Bruno. Em 2026, lança as biografias de Ana Rosa e Stenio Garcia — primeira vez que escreve sobre um artista homem. Além da literatura, desenvolve roteiros para televisão e mantém atuação constante no audiovisual.

"Uma Vida em Cores" integra projeto mais amplo do autor, voltado à criação de espetáculos inspirados em personalidades da moda e cultura internacional. Hygino já escreveu "A Soberana", sobre a editora de moda Diana Vreeland — para o qual Carolina Ferraz foi convidada — e "Lee & Blow", que retrata o encontro entre o estilista Alexander McQueen e a editora Isabella Blow.

## SERVIÇO

UMA VIDA EM CORES  
Teatro das Artes (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - 2º Piso - Loja 264)  
De 18/4 a 21/6, aos sábados e domingos (18h)  
Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

# O banquete do santo guerreiro

Circuito das Feijoadas de São Jorge reúne cinco bares do Centro com versões regionais do prato e programação de samba

## AFFONSO NUNES

Existe uma semana no calendário carioca em que a feijoada deixa de ser apenas um prato e vira ritual. Entre os dias 16 e 26, o Centro do Rio se transforma em território de celebração ao santo guerreiro, com cinco bares trazendo suas próprias interpretações da receita tradicional e rodas de samba que ecoam pelas ruas históricas da cidade.

O Circuito das Feijoadas de São Jorge, iniciado há cinco anos no Largo da Prainha sob curadoria do botequineiro Raphael Vidal, expande este ano seus domínios. Agora abraça também o Beco das Sardinhas e a Rua da Carioca, transformando três territórios distintos da região em pontos de encontro. “São mais de dez dias de oportunidade para conhecer largos históricos do Rio antigo, provar feijoadas únicas que trazem referências de seus territórios, viver o samba carioca onde ele surgiu e salvar São Jorge e Ogum, símbolos de nosso povo guerreiro”, convida Vidal.

No Largo da Prainha, a Casa Porto mantém sua feijoada de feijão vermelho, servida há 13 anos (R\$ 55 para uma pessoa, R\$ 100 para duas). A casa também oferece um milkshake de feijoada (R\$ 28,90) e traz como novidade um limão especial da casa, criação do Tomé, responsável pela batida Mamata. O Bafo da Prainha aposta em carnes defumadas em sua Feijoada no Bafo (R\$ 55 e R\$ 100) e oferece o Levante (R\$ 31,90), espetinho de coração de galinha e ovo de codorna na brasa mergulhado em caldinho de feijão. Já o Dois de Fevereiro traz a Feijoada Baiana do chef João Diamante (R\$ 75 e R\$ 145), feita com feijão carioca, maxixe, abóbora e quiabo. O Largo da Prainha conta



Casa Porto



Bafo da Prainha



Capiiau

“São mais de dez dias de oportunidade para conhecer largos históricos do Rio antigo, provar feijoadas únicas que trazem referências de seus territórios, viver o samba carioca onde ele surgiu e salvar São Jorge e Ogum, símbolos de nosso povo guerreiro”

RAPHAEL VIDAL



Dois de Fevereiro



Choperia Cotovelo

com extensa programação de rodas de samba de terça a domingo.

No Beco das Sardinhas, o Capiiau estreia sua Feijoada na Lenha (R\$ 69 e R\$ 120), preparada pelo chef Diego Melão seguindo a cultura da roça, em fogo lento com ingredientes frescos de fazendas do interior de Rio e Minas. O bar também sedia, no dia 23 de abril, a 18ª edição do Galo de Ogum, tradição que resgata a Sopa de Galo, servida nos terreiros antes da feijoada se tornar símbolo do Santo Guerreiro. A sugestão é começar com torresmo (R\$ 32 meia porção, R\$ 59 inteira) e a Rural (R\$ 29), caipirinha com cachaça artesanal, limão galego e coentro. Toda sexta-feira, o músico Thiago Sereno comanda sua roda de samba “Vai lá”.

Na Rua da Carioca, a Choperia Cotovelo pesquisou jornais de época catalogados na Biblioteca Nacional para trazer a Feijoada à Brasileira (R\$ 120 para duas pessoas), versão popular em hotéis do Centro no século 19, servida com carnes separadas do feijão. O chef Tchelo Barreto assina a receita. A casa oferece 10 torneiras de chope das cervejarias Búzios e TioRuy, além da Choperinha (R\$ 20), coquetel de chope com caipirinha. O pastel de queijo com cebolas em conserva (R\$ 15 a unidade) é pedida obrigatória. Nas segundas, happy-hour com apresentações de estudantes da centenária Escola de Música Villa Lobos. Aos sábados, o “Naquela Mesa” reúne almoço com roda de samba acústica e dose dupla de chope Carioca.

## SERVIÇO

### CIRCUITO DAS FEIJOADAS DE SÃO JOREG

De 16 a 26/4

Casa Porto (Largo de São Francisco da Prainha, 4 - Sobrado) @casaporto.rio  
Bafo da Prainha (Largo de São Francisco da Prainha, 15) @bafodaprainha  
Dois de Fevereiro (Rua Sacadura Cabral, 79) @dois.de.fevereiro  
Capiiau (Rua Miguel Couto, 124A) @capiaubotequim  
Choperia Cotovelo (Rua da Carioca, 15) @choperiacotovelo  
Programação: Confira horários específicos nos perfis de cada estabelecimento